blimunda 85

judith kerr

itamar vieira júnior

MENSAL JUNHO 2019 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Editorial

AS PALAVRAS

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

TORTO ARADO

SARA FIGUEIREDO COSTA

A casa da Andrea

ANDREA ZAMORANO

JUDITH KERR

ANDREIA BRITES
CARLA MAIA DE ALMEIDA

And the winner is...

ANDREIA BRITES

Espelho meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana O DESPER-TAR

VALENTIN BURBATOV

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 85 junho 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm

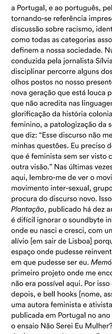
EDITORIAL
AS PALAVRAS

As palavras são boas. As palavras são más. As palavras ofendem. As palavras pedem desculpa. As palavras queimam. As palavras acariciam. As palavras são dadas, trocadas, oferecidas, vendidas e inventadas. As palavras estão ausentes. Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: são como carraças: vêm nos livros, nos jornais, nos slogans publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes. As palavras aconselham, sugerem, insinuam, ordenam, impõem, segregam, eliminam. São melífluas ou azedas. O mundo gira sobre palavras lubrificadas com óleo de paciência. Os cérebros estão cheios de palavras que vivem em boa paz com as suas contrárias e inimigas. Por isso as pessoas fazem o contrário do que pensam, julgando pensar o que fazem. Há muitas palavras.
E há os discursos, que são palavras encostadas umas às outras, em equilíbrio instável graças a uma precária sintaxe, até ao prego final do Disse ou Tenho dito. Com discursos se comemora, se inaugura, se abrem e fecham sessões, se lançam cortinas de fumo ou dispõem bambinelas de veludo. São brindes, orações, palestras e conferências. Pelos discursos se transmitem louvores, agradecimentos, programas e fantasias. E depois as palavras dos discursos aparecem deitadas em papéis, são pintadas de tinta de impressão — e por essa via entram na imortalidade do Verbo.
Ao lado de Sócrates, o presidente da junta afixa o discurso que abriu a torneira do marco fontanário. E as palavras escorrem, tão fluidas como o «precioso líquido». Escorrem interminavelmente, alagam o chão, sobem aos joelhos, chegam à cintura, aos ombros, ao pescoço. É o dilúvio universal, um coro desafinado que jorra de milhões de bocas. A terra segue o seu caminho envolta num clamor de loucos, aos gritos, aos uivos, envolta também num murmúrio manso, represo e conciliador. Há de tudo no orfeão: tenores e tenorinos, baixos cantantes, sopranos de dó de peito fácil, barítonos enchumaçados, contraltos de voz-surpresa. Nos intervalos, ouve-se o ponto. E tudo isto atordoa as estrelas e perturba as comunicações, como as tempestades solares.
Porque as palavras deixaram de comunicar. Cada palavra é dita para que se não oiça outra palavra.
A palavra, mesmo quando não afirma, afirma-se.
A palavra não responde nem pergunta: amassa. A palavra é a erva fresca e verde que cobre os dentes do pântano. A palavra é poeira nos olhos e olhos furados.
A palavra não mostra. A palavra disfarça.
Daí que seja urgente mondar as palavras para que a sementeira se mude em seara. Daí que as palavras sejam instrumento de morte — ou de salvação. Daí que a palavra só valha o que valer o silêncio do acto.
Há também o silêncio. O silêncio, por definição, é o que não se ouve. O silêncio escuta, examina, observa, pesa e analisa. O silêncio é fecundo. O silêncio é a terra negra e fértil, o húmus do ser, a melodia calada sob a luz solar. Caem sobre ele as palavras. Todas as palavras. As palavras boas e as más. O trigo e o joio. Mas só o trigo dá pão.

Crónica que integra o volume *Deste Mundo e do Outro*,
de José Saramago, 1971

Notas para desmantelar o racismo e o patriarcado

Racismo tem que ver com poder: o poder histórico, o poder político, o poder estrutural, o poder institucional. Racismo tem que ver com o poder de poder exercer o preconceito e de o tornar uma lei, uma regra, uma violência, uma separação, um choque.



Grada Kilomba publicou *Memórias da Plantação* há dez anos, no seguimento do seu doutoramento em Filosofia na Universidade Livre de Berlim. O livro chegou finalmente a Portugal, e ao português, pela mão da Orfeu Negro, tornando-se referência imprescindível para qualquer discussão sobre racismo, identidade, género e o modo como todas as categorias associadas a esses termos definem a nossa sociedade. Numa entrevista à revista *Visão*, conduzida pela jornalista Silvia Souto Cunha, a artista multi-disciplinar percorre alguns dos temas do seu livro com os olhos postos no nosso presente comum: «Portugal tem uma nova geração que está louca por ter uma outra linguagem, e que não acredita nas linguagens do passado: o discurso da glorificação da história colonial, a demonização do discurso feminino, a patologização da sexualidade… Uma geração que diz: "Esse discurso não me serve, não dá resposta às minhas questões. Eu preciso de um discurso descolonizador, que é feminista sem ser visto como algo mau. Eu tenho uma outra visão." Nas últimas vezes que exibi o meu trabalho aqui, lembro-me de ver o movimento feminista negro, o movimento inter-sexual, grupos de estudos da branquitude à procura do discurso novo. Isso é tão fabuloso! *Memórias da Plantação*, publicado há dez anos, chega agora a Portugal. E é difícil ignorar o soundbyte inicial: "Deixei Lisboa, a cidade onde eu nasci e cresci, com um imenso alívio"… Eu senti alívio [em sair de Lisboa] porque precisava de estar num espaço onde pudesse reinventar a língua, ter uma linguagem em que pudesse ser eu. *Memórias da Plantação* foi o primeiro projeto onde me encontrei, onde me definio. Isso não era possível aqui. Por isso é que o livro chega dez anos depois, e bell hooks [nome, assim mesmo em minúsculas, de uma autora feminista e ativista social norte-americana] só foi publicada em Portugal no ano passado. bell hooks escreveu o ensaio Não Serei Eu Mulher? há 30 anos! Nós temos um desfasamento de tempo. O trauma é uma intemporalidade, não tem tempo, é metafísico: o passado passa a coincidir com o presente, e, de repente, o presente é vivido como se fosse o passado. Essa é uma característica do racismo.» O tema do racismo atravessa diversos momentos da entrevista, revelando o seu papel na estruturação da sociedade portuguesa contemporânea: «No ano passado, Pedro Calado, o alto-comissário para as Migrações, afirmou em entrevista que em Portugal "não somos genericamente racistas, temos alguns preconceitos". Quer comentar?

Isso é um grande erro. É um mito. Racismo tem que ver com poder: o poder histórico, o poder político, o poder estrutural, o poder institucional. Racismo tem que ver com o poder de poder exercer o preconceito e de o tornar uma lei, uma regra, uma violência, uma separação, um choque. O racismo é a performance do preconceito, é o poder de poder exercitar o preconceito. Isso é a grande diferença. Por isso, Bell Hooks escreveu: "Racismo é supremacia branca." É quem tem o poder histórico de exercer o preconceito e o privilégio de não ter de saber.» ▶ ▶

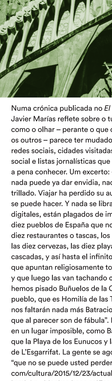
O Brasil contemporâneo a partir da literatura

O papel da Literatura que já está aí no mundo é criar um oásis, um espaço à parte, onde todas as coisas são possíveis e onde podemos ainda nos emocionar, nos arrepiar, nos exnergar até e continuar aprendendo.

A revista *Literatura RS* reuniu vinte autores brasileiros para uma reflexão sobre o papel da literatura no Brasil atual, perante um projeto político que assume o recuo nos direitos humanos e sociais e a ameaça muito concreta ao ensino e à cultura. «Ciente de que inexiste um verdadeiro debate político que não ignore as vozes das populações negras, LGBTIQ e das mulheres, *Literatura RS* tentou buscar um equilíbrio entre os vinte perfis consultados neste mosaico de opiniões. Entre as diferentes perspetivas, é possível delimitar um ponto em comum: a consolidação de uma ideia de que a literatura está necessariamente arraigada às experiências coletivas, em algumas de suas pontas, e ao desvelamento das subjetividades — algo que, em maior ou menor grau, é manifestado por todos os autores e autoras consultados. Reside, no fundo desta iniciativa, a intenção de iniciarmos uma reflexão sobre a função social da literatura, seus desdobramentos e implicações.» Entre os depoimentos, Natalia Borges Polesso, autora de Amora, fala sobre a memória como uma das responsabilidades da literatura: «O papel da Literatura que já está aí no mundo é criar um oásis, um espaço à parte, onde todas as coisas são possíveis e onde podemos ainda nos emocionar, nos arrepiar, nos exnergar até e continuar aprendendo. O papel da Literatura que está sendo escrita agora é garantir que teremos a narrativa dessa desgraceira, é garantir a memória deste tempo. Continuar a escrever agora é ocupar os espaços criativos, de arte, de cultura para que não sejam usurpados de nós.» ▶

Terraplanar o mundo

Nada tiene ningún mérito, nada puede ya dar envidia, nada es raro ni insólito, todo es trillado. Viajar ha perdido su aura, es lo más vulgar que hoy se puede hacer. Los diarios, en sus versiones digitales, están plagados de imbecilidades del tipo: "Los diez pueblos de España que no se debe usted perder"



Numa crónica publicada no *El País*, o escritor espanhol Javier Marías reflete sobre o turismo de massas e o modo como o olhar – perante o que desconhecemos e perante os outros – parece ter mudado tanto nesta voragem de redes sociais, cidades visitadas com objetivos de conquista social e listas jornalísticas que definem o que vale ou não a pena conhecer. Um excerto: «Nada tiene ningún mérito, nada puede ya dar envidia, nada es raro ni insólito, todo es trillado. Viajar ha perdido su aura, es lo más vulgar que hoy se puede hacer. Y nada se libra. Los diarios, en sus versiones digitales, están plagados de imbecilidades del tipo: "Los diez pueblos de España que no se debe usted perder". Los diez restaurantes o tascas, los diez libros, las diez iglesias, las diez cervezas, las diez playas, los diez puentes, las diez cascadas, y así hasta el infinito. Hay unas greyes (bovinas) que apuntan religiosamente todas estas arbitrariedades, y que luego las van tachando como posesos. "Bueno, ya hemos pisado Bufuelos de la Churrería, vamos al siguiente pueblo, que es Homilla de las Tortillas y está sólo a 200 km; nos faltarán nada más Batracios, Gorrinera y Retortijones, que al parecer son de fábula". Bufuelos se ha convertido en un lugar imposible, como Batracios y Lupanar, lo mismo que la Playa de los Eunucos y la de Gozmendiallarrainzar y la de L'Esgarrifat. La gente se agolpa al borde de precipicios "que no se puede usted perder", HYPERLINK "https://elpais.com/cultura/2019/12/23/actualidad/1450890898_290765.html" \n _blankse hace selfies a codazo limpio y algún turista se despeña en el intento. Debo de ser muy mala persona, porque cuando esto ocurre me cuesta que me dé lástima. Qué quieren, lo último que deseo es la destrucción de las ciudades y los pueblos y los paisajes, de las playas y los monumentos y los parques y los cuadros. Si por lo menos fuera para contemplarlos y disfrutar de ellos…» ▶

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

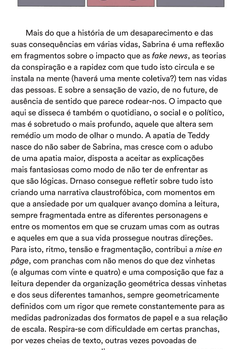
SABRINA
NICK DRNASO
PORTO EDITORA
TRADUÇÃO DE JOSÉ LIMA

O surgimento paulatino de livros de banda desenhada no espaço editorial a que habitualmente chamamos *mainstream* – com toda a falta de rigor que termos como este implicam, mesmo quando ajudam a definir algo a partir de um olhar compreensivel pelos interlocutores – tem acontecido nos últimos anos com óbvia vantagem para os leitores, que passaram a incluir uma outra linguagem nas leituras, e para o mercado de banda desenhada, cada vez mais capaz de investir em obras de maior fôlego sem a limitação do número de páginas, dos adiantamentos anteriormente impossíveis no pagamento aos autores, na divulgação. Por outro lado, é notório o modo como o marketing aproveita esta nova vaga, alardeando livros em registo de obra-prima que facilmente passam pelo crivo da crítica sem outra reflexão que não a que o tema ou temas abordados possa trazer. E subitamente, parece ter deixado de ser relevante que a crítica domine uma determinada linguagem, a sua história, os seus cânones – ou a dificuldade de os fixar –, apenas por se tratar de banda desenhada (ou seja, a menorização que até aqui se verificava perante esta linguagem é agora reforçada, ainda que de um outro modo), bastando apontar a próxima "graphic novel" (um outro termo tão pouco claro) como uma obra extraordinária para que tal se assuma sem discussão.

Sabrina, de Nick Drnaso, é um bom exemplo desse processo. Elogiado pela crítica generalista internacional, recomendado por escritores como Zadie Smith, apontado em todas as listas de "melhores livros do ano", acabou entre os nomeados para o Man Booker Prize e assim terá atraído nas redações onde ainda se escreve sobre livros. O tema das *fake news*, da circulação e do controlo da informação e da geral instabilidade emocional fizeram o resto e Sabrina foi aclamado, salvo raras exceções, sem referências a elipses, vinhetas, *mise en page*, como se de um romance se tratasse. Ora, Sabrina não é um romance, é uma narrativa em banda desenhada, e é no trabalho que faz com essa linguagem específica que podem encontrar-se as suas qualidades.

As personagens desenhadas por Drnaso, numa linha clara onde é notória a influência de Chris Ware (no traço, na cor, mas sobretudo na criação dos espaços e na geometria), são básicas na sua forma, com o rigor anatómico por vezes desfeito e uma expressividade que, de modo extraordinário, se alcança pela apatia dos gestos, pelos silêncios, pela repetitiva sucessão dos movimentos. Os olhos são apenas duas pintas pretas, por vezes oblongas, por vezes com pestanas, e os únicos momentos em que tal não acontece reservam-se para as personagens que surgem em ecrãs (de telemóvel, televisão, computador). É desse elemento, os olhos, que podemos puxar uma das linhas de leitura desta obra, o facto de aquilo a que costumávamos chamar realidade parecer definitivamente reservado ao que os ecrãs nos transmitem, relegando tudo o resto – quotidiano, dores, paixões, percalços para um qualquer limbo sem espessura humana. Trocados os espaços mentais, pouco mais é reconhecível na ordem de verossimilhança que se pensava eterna e é nessa nova ordem que a narrativa de Sabrina se desenrola, arrastando consigo muitas semelhanças com esta espécie de distopia reprimida em que parecemos viver.

Sabrina não cabe em resumos, mas podemos dizer que no seu eixo está o desaparecimento de uma mulher e o desespero do seu namorado, Teddy, que, incapaz de uma reação, se instala em casa de um velho amigo na tentativa de fugir do mundo. Sabrina desapareceu e um vídeo revela que foi assassinada. O seu homicida, autor do vídeo e entretanto igualmente morto (suicídio), é uma dessas figuras que demasiadas vezes abre o alinhamento dos telejornais, alguém suficientemente perturbado para matar outro algures como modo de chamar a atenção. À revelação do sucedido, que vem pôr fim àquela que parecia a grande tensão desta história – o não se saber onde estava a mulher desaparecida –, segue-se a manutenção da apatia de Teddy, namorado da vítima, e a insinuação que vai nascendo sobre a hipótese de tudo isto, vídeo, homicídio, culpado, ser uma conspiração. É de fora que vem essa insinuação, abatendo-se sobre Teddy e a sua rotina, e envolvendo Calvin, o amigo que o acolheu – um militar cuja função passa pela deteção de problemas de segurança em redes informáticas do Exército.



Mais do que a história de um desaparecimento e das suas consequências em várias vidas, Sabrina é uma reflexão em fragmentos sobre o impacto que as *fake news*, as teorias da conspiração e a rapidez com que tudo isto circula e se instala na mente (haverá uma mente coletiva?) tem nas vidas das pessoas. E sobre a sensação de vazio, de no futuro, de ausência de sentido que parece rodear-nos. O impacto que aqui se discreta é também o quotidiano, o social e o político, mas é sobretudo o mais profundo, aquele que altera sem remédio um modo de olhar o mundo. A apatia de Teddy nasce do não saber de Sabrina, mas cresce com o adubo de uma apatia maior, disposta a aceitar as explicações mais fantasiosas como modo de não ter de enfrentar as que são lógicas. Drnaso consegue refletir sobre tudo isto criando uma narrativa claustrofóbica, com momentos em que a ansiedade por um qualquer avanço domina a leitura, sempre fragmentada entre as diferentes personagens e entre os momentos em que se cruzam umas com as outras e aqueles em que a sua vida prossegue noutras direções. Para isto, ritmo, tensão e fragmentação, contribui a *mise en page*, com pranchas com não menos do que dez vinhetas (e algumas com vinte e quatro) e uma composição que faz a leitura depender da organização geométrica destas vinhetas e dos seus diferentes tamanhos, sempre geometricamente definidos com um rigor que remete constantemente para as medidas padronizadas dos formatos de papel e a sua relação de escala. Respira-se com dificuldade em certas pranchas, por vezes cheias de texto, outras vezes povoadas de personagens que pouco dizem e pouco se movem, mas que transpiram tensão sob a forma de uma qualquer desistência. E essa será a grande qualidade deste livro, o contar uma história marcada pelo horror através da banalidade de vários quotidianos, o usar um traço tradicionalmente despido de camadas e dotá-lo de uma semântica complexa, onde a solidão e a ausência de sentido reinam.

Se lermos *Sabrina* a par com alguma da banda desenhada que se foi publicando nos últimos anos (sobretudo em circuitos independentes), sem que a crítica generalista tenha dado por ela, a estranheza feita espanto celebratório dissipar-se-á na constatação de que tantos os temas como o trabalho gráfico, com cenários despojados, linha clara usada em simultâneo com uma intensa caracterização psicológica, multiplicidade de registos e dessincronizações entre texto e imagem, são caminhos bastas vezes explorados. A originalidade não está, portanto, no registo, na linguagem – que só será nova para leitores pouco familiarizados com a banda desenhada contemporânea – mas antes no modo particular como Drnaso os trabalha dentro de um cânone dessa mesma linguagem, simultaneamente respeitado e expandido em meros detalhes. Se isso faz de *Sabrina* uma obra-prima, só o futuro o dirá, mas confirma-o, sim, como um grande livro, tão inovador no modo de desenvolver a narrativa que transporta e os limites e potencialidades da linguagem da banda desenhada como no sentido pleno que adquire à luz do nosso presente comum.

ANDREIA BRITES
SARA FIGUEIREDO COSTA

O ESCÂNDALO DO SÉCULO
GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ
DOM QUIXOTE

Meia centena de textos que ilustram o percurso jornalístico que Gabriel García Márquez também teve. Como dizia o autor colombiano, «o jornalismo é a profissão que mais se parece com a política, com a vantagem de que a máquina ganha sempre e a desvantagem de que não nos é permitido atirar a toalha ao chão.»

DO ÉDEN AO DIVÃ: HUMOR JUDAICO
AAVV
TINTA DA CHINA

Com organização de Mocsy Scilar, Patrícia Finzi e Eliahu Toker, esta antologia reúne textos e excertos que vão do Talmude a Philip Roth, passando por Woody Allen, pelo humor cientifico de Einstein e por vários divãs psicanalíticos. Na dedicatória, lê-se: «Este livro é dedicado aos profetas e alfaiates, rabinos e psicanalistas, mães judias e escritores, a todos aqueles, judeus ou não, que sorrindo filosoficamente diante da vida fazem humor judaico mesmo sem o saber.»

VER UMA MULHER
ANNEMARIE SCHWARZENBACH
RELÓGIO D'ÁGUA

Prossegue a edição da obra de Annemarie Schwarzenbach em português, com chancela da Relógio d'Água. O mais recente volume publicado é uma novela, datada de 1929, onde se conta a história de uma paixão nascida da troca de olhares entre duas mulheres num átrio de hotel de Saint-Moritz.

SOBRE O AUTORITARISMO BRASILEIRO
LILIA MORITZ SCHWARCZ
COMPANHIA DAS LETRAS

Contrariando as várias narrativas oficiais que foram dando conta de um Brasil pacífico e tolerante, HYPERLINK "https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00456"Lilia Moritz Schwarcz percorre vários documentos e momentos da história brasileira para revelar um modo de relacionamento com o poder a apressão profundamente atravessado pela herança perversa da escravidão e pelas lógicas de dominação do sistema colonial.

LA LIRA DE LAS MASAS
MARTÍN RODRÍGUEZ-GAONA
PÁGINAS DE ESPUMA

Distinguido com o Prémio Málaga de Ensaio, o livro de Martín Rodríguez-Gaona analisa os fenómenos de popularidade nascidos na internet e a sua relação com as marcas empresariais, bem como a ascensão de um reconhecimento público instantâneo sem qualquer crivo crítico no meio literário e das artes.

ELEIÇÃO DOS BICHOS
ANDRÉ RODRIGUES, LARISSA RIBEIRO, PAULA DESGUALDO, PEDRO MARKUN
NUVEM DE LETRAS

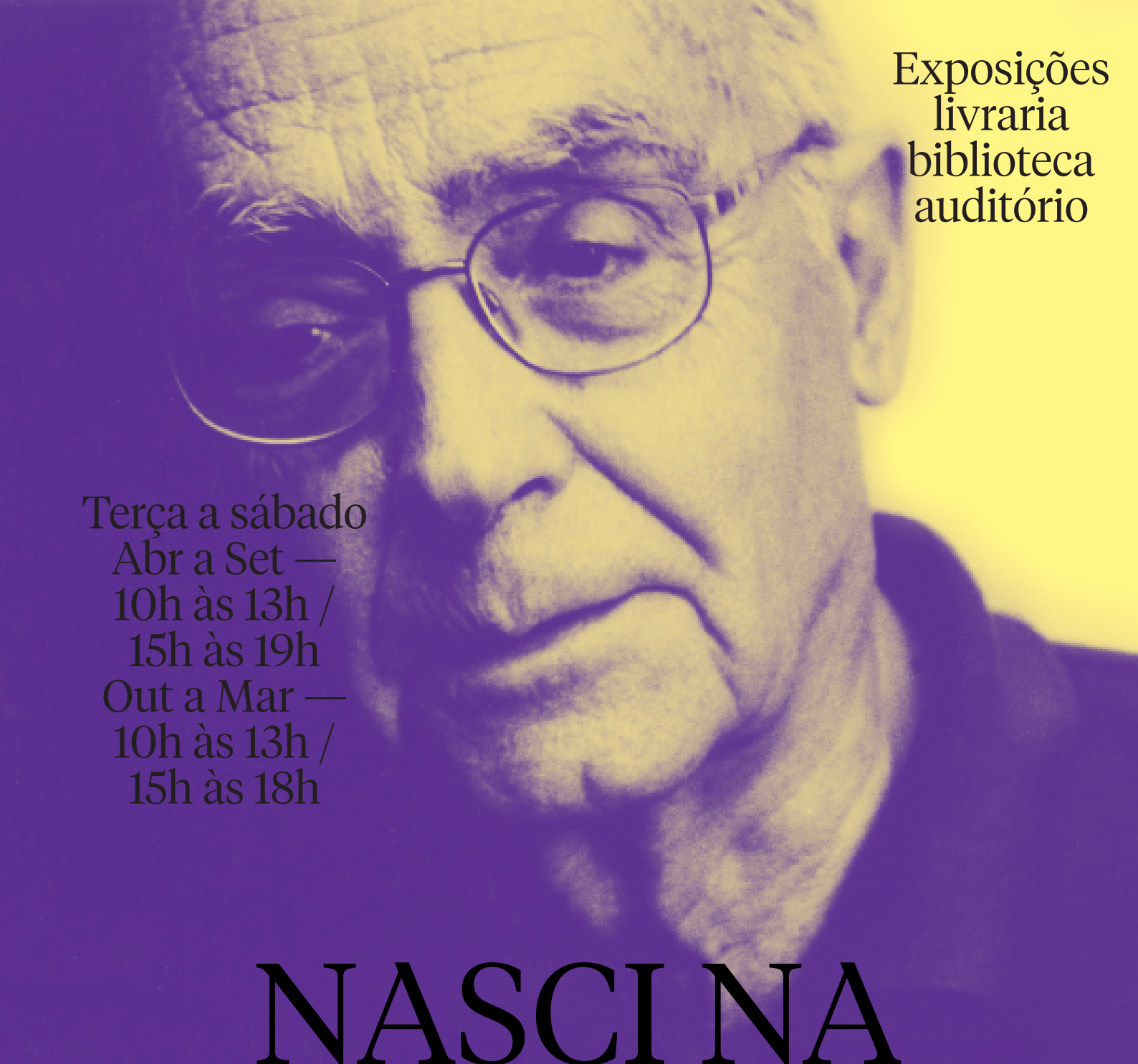
Nesta pequena narrativa os animais da floresta organizam-se para eleger um presidente, depois de se confrontarem com uma ação do lobo que os prejudicava a todos. A partir daqui o leitor acede aos procedimentos eleitorais democráticos e tomará, provavelmente, partido. O mais interessante é o diálogo final dos autores com o leitor e a explicação do processo de realização coletiva do livro, resultado de inúmeras oficinas em escolas brasileiras.

O SEGREDO DO AVÓ URSO
PEDRO MAÑAS, ZUZANNA CELEJ
KALANDRAKA

O mistério é da ordem do poético. As tonalidades do inverno rigoroso enchem as páginas de brancos e cinzas, entre manchas e recortes. O urso que acorda inesperadamente antecipa, sem disso conseguir recordar-se, a transformação que ocorre na natureza com a chegada da primavera. Tudo são cores e movimento. Todos se ligam plasticamente, as definidas formas animais e vegetais e a suavidade das suas cores. A magia vai acontecendo e o urso, ao invés, adormece.

A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE CHARLES DARWIN RECONTADA E ILUSTRADA POR SABINA RADEVA
SABINA RADEVA
NUVEM DE LETRAS

No seu primeiro álbum ilustrado a autora cruza arte e ciência, ao reproduzir de forma sumária a teoria darwinista da origem das espécies. Segue conceitos científicos como o de variação e exemplifica com as distinções entre espécies selvagens e domesticadas, acrescentando fatores relacionados com a sobrevivência. O princípio da seleção natural é explanado através do conhecimento reconhecidamente científico mas sem ocultar questões que até à data ainda não tiveram resposta. As ilustrações funcionam como elemento clarificador e respeitam a seriedade do texto.

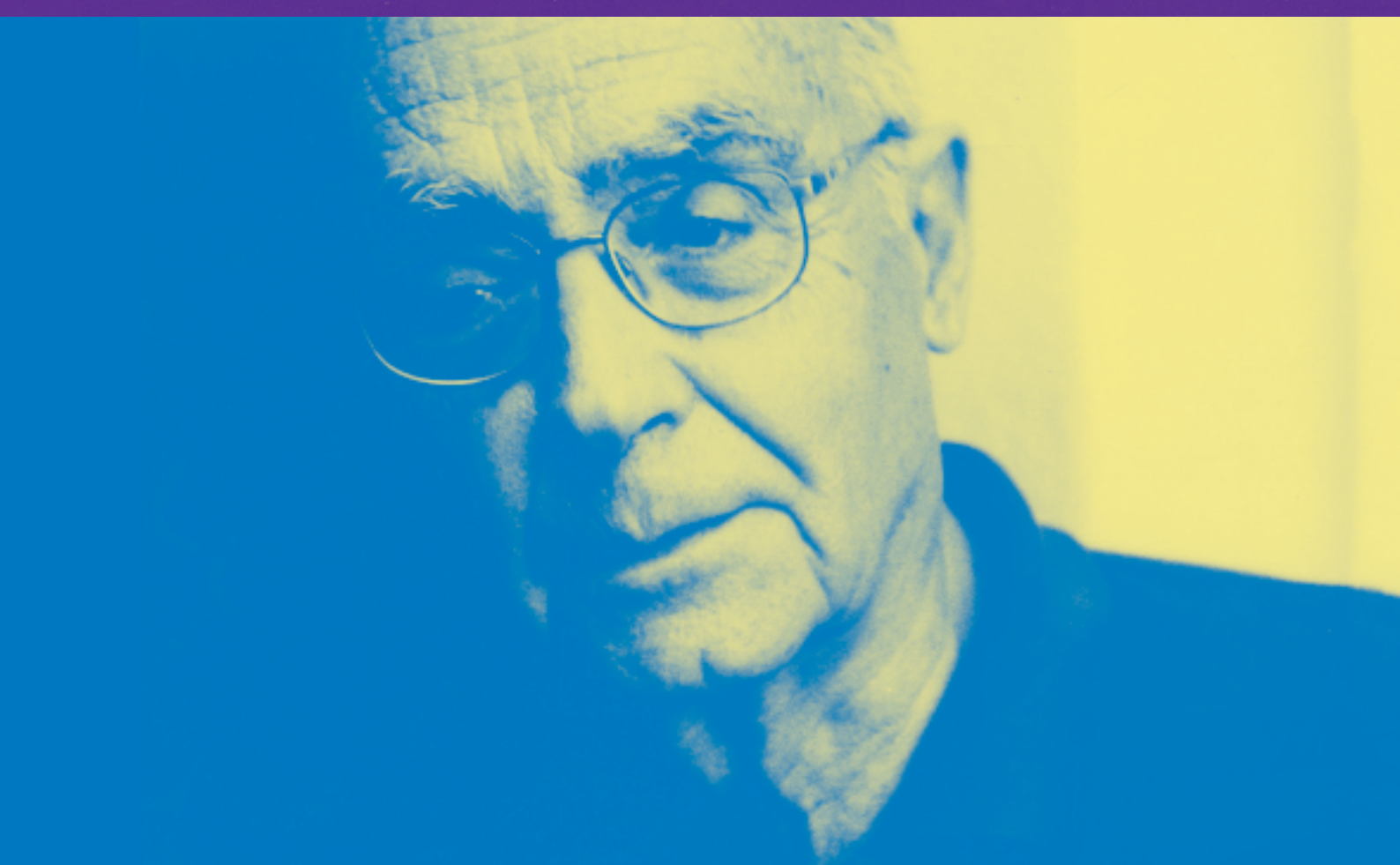


Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGA 10 ANOS YEARS AÑOS Fundação José Saramago



AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

torto arado

A memória do quilombo na luta pelo futuro

SARA FIGUEIREDO COSTA

Vencedora do Prêmio Jabuti com *Torto Arado*, Itamar Vieira Junior estreia no universo infantil com *Torto Arado: Itabira e o mistério do rio encantado*, livro que mergulha na história e na cultura de Itaparica e resgata a ancestralidade e a resistência da comunidade a fim de preservar a memória do quilombo para as futuras gerações.

O romance começa com uma língua extraída, daqui por cabeça uma das protagonistas, mesma cabeleira seis dia, precisando que outras fosse dar. Esta ideia de decepar a língua de alguém para que ela não possa mais falar? De onde ela surgiu?

Eu sempre gosto de contar essas personagens que são mais fortes, que estão em determinados momentos de suas vidas em que elas não precisam falar, que elas não precisam se comunicar. Isso é muito interessante para mim, porque a gente acaba se comunicando muito mais do que precisa. Eu acho que a gente acaba se comunicando muito mais do que precisa. Eu acho que a gente acaba se comunicando muito mais do que precisa. Eu acho que

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

A Casa da Andrea

OS MENINOS DA ESCOLA DE ACHADA LIMPO

Andrea Zamorano

No dia em que

conheci os meninos mais gentis do mundo, eles me receberam com o hino da sua terra onde a esperança é do tamanho do mar. O meu coração se encheu de uma alegria salgada como se tivesse entrado pela primeira vez nas águas da Prainha. Fui até a porta da escola onde outros meninos me esperavam para lerem poemas que eram deles e de quem mais os quisesse. E me contaram o que gostavam de ler, que era bonito escrever e recontar as histórias que tinham ouvido alguém narrar antes. Eu lhes falei que na minha terra morava um menino com mais olho que barriga, era meio maluquinho, mas adorava estudar. Eles quiseram saber tudo.

A felicidade foi-me ocupando à medida que entrava na sala de aulas, fui-me tornando em uma menina um pouco destrambelhada também pois às vezes, quando conseguimos o que queremos muito, somos arrebatados pela emoção. Me sentia livre e a liberdade é o que de melhor nos pode acontecer. Imaginei a gente juntos, jogando bola, correndo pelo pátio, brincando de vaca amarela que fazia porcaria na panela e rindo todos ao mesmo tempo com as mãos para cima. Depois mergulhamos nos livros e nadamos, nadamos, nadamos até chegar à Ilha das Palavras Soltas onde a cadela Teodora nos esperava abanando a sua cauda tão rápido, de um lado para o outro, que trouxe uma brisa. As palavras que boiavam em volta da ilha se juntaram, se arrumando em linhas compridas para formarem frases, depois parágrafos e nos revelarem histórias inteiras do tempo em que as pessoas não podiam contar nada, nem dançar, nem andar pelas ruas porque não havia liberdade. Falamos de Eulália. E de quando aos dezassete anos descobriu que era prisioneira na sua própria casa tal como o seu país. Eulália não brincava como nós. Os meninos ficaram espantados ao saberem que podemos perder a liberdade sem ter feito nada de ruim. A pobre nem os livros podia ler.

A cadela Teodora rodou a cauda outra vez. A brisa voltou com mais pedaços de vida na forma de conversas cheias de imagem de filhos, da babosa que ardia na boca quando sem querer provávamos, da memória de quem deixou o seu país para viver noutra terra longe da sua casa e fez daquele lugar o seu. Ouvimos mais palavras, essas vinham com uma letra no peito. Era o meu nome. Nunca tinha ouvido um nome cantado, os meninos cantavam o meu. Então me convidaram também para ser madrinha de todo o agrupamento. Me sentia uma estrela a brilhar.

O professor Elias, espantado com tanta bagunça, pois jamais tinha visto um adulto sendo criança numa escola, não nos impediu de viajar na algazarra. Fomos para bem longe sem nos preocupar, se fosse preciso, ele estaria lá para nos trazer de volta para a escola mais "fixe" de todas. Conheci até a biblioteca onde havia cuscuz de canela, pasteis de milho e linguiça da terra que só tinha provado nas falas de Dona Nini que nasciam dentro da minha cabeça. Estava tão alegre que teria comido todos os pastéis da travessa só para continuar a falar de coisas que não tinham importância nenhuma, as desnecessidades são ótimas para alargar o riso. Então vieram com um carro vermelho espampanante para me levar.

Se pudesse, ficaria todo o tempo na escola brincando de ser menina com os meninos mais gentis do mundo. Na minha mala levo o diploma emoldurado que o professor Elias me ofereceu em nome dos todos, não canso de me gabar. Fizemos uma combinação, ano que vem estou de volta com a Teodora nem que seja em fotografia. Nessa altura, primeiro converso com o professor para saber como andam as aprendizagens, temos mesmo de ler livros e estudar para sermos bons adultos. Coisas importantes, penso. Depois vou correndo para os braços dos meninos mais gentis do mundo que aprendi a amar.

Judith Kerr: um paradigma do cânone

ANDREIA BRITES

A sueca Judith Kerr foi nome e deixa uma marca incontestável na literatura infantojuvenil europeia. A sua morte no presente mês, aos 96 anos, teve resultado nos leitores mais novos da autora que ainda muito recentemente dava uma entrevista ao jornal inglês *The Guardian*. Como edifício pode ficar o que os mais diversificados estudos descortinam das suas últimas palavras públicas: «Eu não estou muito bem e vou cair de trabalhar.»

A Portugal o seu nome chega com a novela autobiográfica *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa* (2004), na tradução criteriosa de Lídia Jorge, corria o ano de 1995. A época não se multiplicava em traduções e a literatura infantil não era valorizada pela comercialização aos jovens. Resultando o famoso *Diário de Anne Frank*, poucos outros existiam direcionados para os mais novos. O sucesso que teve não o livro de Kerr será hoje difícil de aferir tendo em conta o contexto do mercado, o número de títulos em circulação e a sua promoção. Contudo, a avaliar pelo impacto da crítica, pode-se só especular sobre uma receção fenomenal. Uma circunstância é desconhecimento geral de muitos nomes essenciais da literatura infantojuvenil internacional. Entre a ficção, o facto de apenas em 2010, agora pela mão da Kalandraka, existirem edições comercializadas em Portugal de títulos como *Mog* ou *Tigre, Tigre*, e o nome de Judith Kerr regressar às livrarias lisboetas através do *Coelho Cor-de-Rosa*. O **Tigre que veio tomar chá!** foi a primeira obra da autora que surgiu em terras portuguesas, criada sete anos depois da filha de dois anos.

Dos anos depois, em 2015, e mais de duas décadas passadas sobre a edição da Caminho, é o mês de a Booksmile, uma das chancelas do grupo Leya, lançar *Quando Hitler roubou o coelho cor-de-rosa*, dando continuidade aos títulos publicados e editados pela obra da autora de origem alemã. Rita Cruz, editora do grupo, explicita hesitações e ponderações que levaram à decisão nos catálogos do grupo editorial: «A Booksmile é uma chancela ideal para publicar livros de Judith Kerr, pela sua não ficção de qualidade para o grande público. Em 2013 comprou-a desenvolver uma linha mais literária e apostar em autores que já tivessem sido publicados em Portugal, como Ana Maria Magalhães e Judith Kerr. Em 2017 tivemos a oportunidade de comprar os direitos de *Quando a Hitler...* e foi logo que a rendição do livro *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa* que veio publicada ainda este mês) passará para esta nova marca da Leya Editora. É portanto a chancela mais adequada a uma literatura de referência esta e ser o seu público-alvo e já sentimos que a nossa escolha foi acertada pois recebe-mos elogios e pedidos à receitora Carla Maia de Almeida para ser ela a traduzir. Estamos neste momento em vias de editar as obras da autora, mas ainda não conseguimos adiantar certezas quanto a datas. No verdade, **Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa** é o primeiro de uma trilogia autobiográfica de autora e há muitos livros da série MOG para publicar em Portugal.

A referência desta contextualização serve mais o propósito de destacar a relevância da obra de Judith Kerr do que de traçar uma cronologia sobre o atraso editorial em Portugal. Ao longo dos anos, a receção da literatura que a literatura infantojuvenil conceree e que só nos últimos anos começou a ser alvo de uma consistente e continuada.

O que faz então de Judith Kerr um nome simultaneamente aperfeiçoado pelos leitores e pelo cânone, mesmo mais filhoseado?

Como forma de assinalar o seu desaparecimento o *The Guardian* propôs aos seus leitores que escrevessem sobre o autora. De entre muitos, alguns foram de pessoas com alguns momentos de leitura de Judith Kerr que tiveram em comum o elogio da sua simplicidade, atualidade, sinceridade, sentido de humor. Judith Kerr deixou discípulos, como Michael Rosen ou Michael Morpurgo, dos nomes maiores da literatura infantojuvenil inglesas. Tais palavras coincidem também com os elogios encontrados em blogs, de professores, bibliotecários, tradutores e jornalistas. Há nos seus temas e na forma como escolhe explorá-los uma sinceridade que ultrapassa a universalidade, pois não se esconde nenhuma das personagens. Seja quando Anna, protagonista da novela autobiográfica, perde gradualmente as personagens verdadeiramente dramáticos do seu quotidiano familiar, mas também mesmo nas diferenças e pressões que os estranho a pobres afetar muito ao imediato, seja quando abandona o país e a casa para fugir do nazismo e aparecimento inaudito do tigre e nada mais representa senão isso. O que acontece é uma identificação, como se se estabelecesse um pacto de não oculbação. Como se faz mesmo processo de escrita que acontece com Judith Kerr à economia, ao não dito, ao implícito, ao subentendido.

Judith Kerr um nome de referência

A visita do Tigre

Nos vários obituários e artigos em que recebe-lhe dedicaram-se que poucos por todo o mundo, passando pelo Brasil, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha ou Portugal e consequentemente a Leya, a editora responsável de crianças que ocuparam a história. **O Tigre que veio para o chá**. Em datas das comemorações do meio século de existência, que decorreram em 2018, a autora recontou a sua origem: «E-se uma história para dormir que começou para a minha filha de dois anos.» Acrescenta que a sua resposta foi suficiente para chegar ao final da história, pois a criança adormeceu e a ficção perceber quando uma criança fica absorvida com o que lhe é contado. A história é simultaneamente familiar, subversiva e simples; trata-se de um tigre que bate à porta exatamente à hora e não se preocupa em pedir licença, pode vem, não se sabes. Apenas de constata como aquele é de interessante, quando come de tudo e quando não existe em casa das duas personagens. Da mesma forma como começa, parte. Deixando a família a pensar sobre a deixa de startir um efeito de humor e até de temeria, pela presença inesperada da mesma. As ilustrações são defendeu a teve de que o tigre simbolizava a Gestapo, pois, quando saiu, ninguém sabia para onde tinha ido. Porém, Kerr desmente esta interpretação. Ao invés, a sua pelúcia não evitam as pelúcias de tigre, mas também as de filhos e especial simpatia pelos tigres talvez justificarem pela sua aparência. Assim, para o visitante ganhou os sentem perturbados quando estamos presentes a alcançar o que pensamento de que pensamento de que pensamento de contraríedade faz parte do universo de todos, desde muita treta idade no horário da alimentação, de demais sob as crianças estão a destituir. Também, o intruso pode ser qualquer um que tenha a capacidade de entrar pela casa está com elas. Finalmente, essa intruso inesperada narte de todos nem o elefante e a tartaruga, o que também se numa exercício, uma surpresa que pode acertar momentos quotidianos. Comparando-se também no quotidiano. Certo é que quando Judith Kerr partilha numa entrevista que ficou bem no acolhe, a inspiração veio da Tomada da Bastilha em que passeiam por Paris até ao amadurecer com a família. Encontrou-se a pensar que há um sorriso da rele, uma gargalhada do pai, uma brincadeira ou outra com o irmão.

Quando se lê esta narrativa emerge primeiro uma sensação de prazer e se é por isso que todos adoram que tinha a cabeça a primeiro passo antes de Hitler subir o poder?, se a ficcionação pessoa chegada a casa da família uma horas antes e encontrasse. Anna, o irmão e os pais desaparecidos, ou se o tigre é só um pretexto para os impedisem de seguir viagem quando o guarda alfandegário verificou os documentos e concluiu não? Mas muitos ser que teria acontecido com outras famílias judias que não tiveram a sorte de fugir antes do rendimento pleno deste contexto.

Até à chegada a Zurique a experiência se uma aventura empolgante, tudo o que o leitor deseja é ver a família unida. Depois o tempo passa e a normalidade vai-se instalar até ao fim. Como se sustenta a ação depois da emoção inicial? Com os imprevistos que fazem dela interessante e fecho de uma história bem escrita. Se a vida de Anna levou-nos a estabelecer uma empatia quase imediata com as personagens da família, depois a sucessão de acontecimentos tem tanto de particular quanto de universal – a mudança, a adaptação, a pobreza, o sucesso. Seja a mudança de escola, de casa, de país, seja a perda da família familiar. Para além de contemplarmos a felicidade, Anna é uma rapariga que está a crescer e isso é o que acontece com todos nós, nem sempre de forma fácil. Não fazem falta os gafanços ou a gria, as emoções são genuínas. Mais, atualmente Quando Hitler roubou o coelho cor-de-rosa é um paradigma para muitas e muitas histórias sobre as famílias refugiadas que chegam à Europa e é relevante a retórica de Judith Kerr. Foi isso o poder de compaixão que a autora teve e soube passar para a escrita.

O pacto

Quer com **O Tigre que veio para o chá** quer com a coleção Mog ou com **Quando Hitler roubou o coelho cor-de-rosa**, Judith Kerr atinge um nível de excelência literária de preciosidade e de complexidade que advém da simplicidade despretensiosa, mas não ingénua, com frequência plena de sentido de humor. Não evita temas duros, como a morte, a doença, a pobreza, a guerra, a ausência ou a dor, dosura a pelúcia. Em contrapartida nada tem de pessimista na abordagem aos temas, nem no peso de sofrimentos. Não há vítimas nem heróis: nesse sentido é desconcertante. Só por isso o absurdo é permitido, o jogo é aceite, e as personagens crescem. Os leitores participam de forma respeitada sem qualquer esforço. As palavras respondem às suas perguntas e dúvidas e as estratégias narrativas essa é efetivamente a retórica de Judith Kerr. Foi isso o poder de compaixão que a autora teve e soube passar para a escrita.

Judith Kerr

judith kerr

por Carla Maia de Almeida

A *Blimunda* pediu à escritora Carla Maia de Almeida, tradutora das obras de Judith Kerr que estão editadas na Booksmile e na Fábula, que nos desse um testemunho sobre a sua leitura desta autora maior.

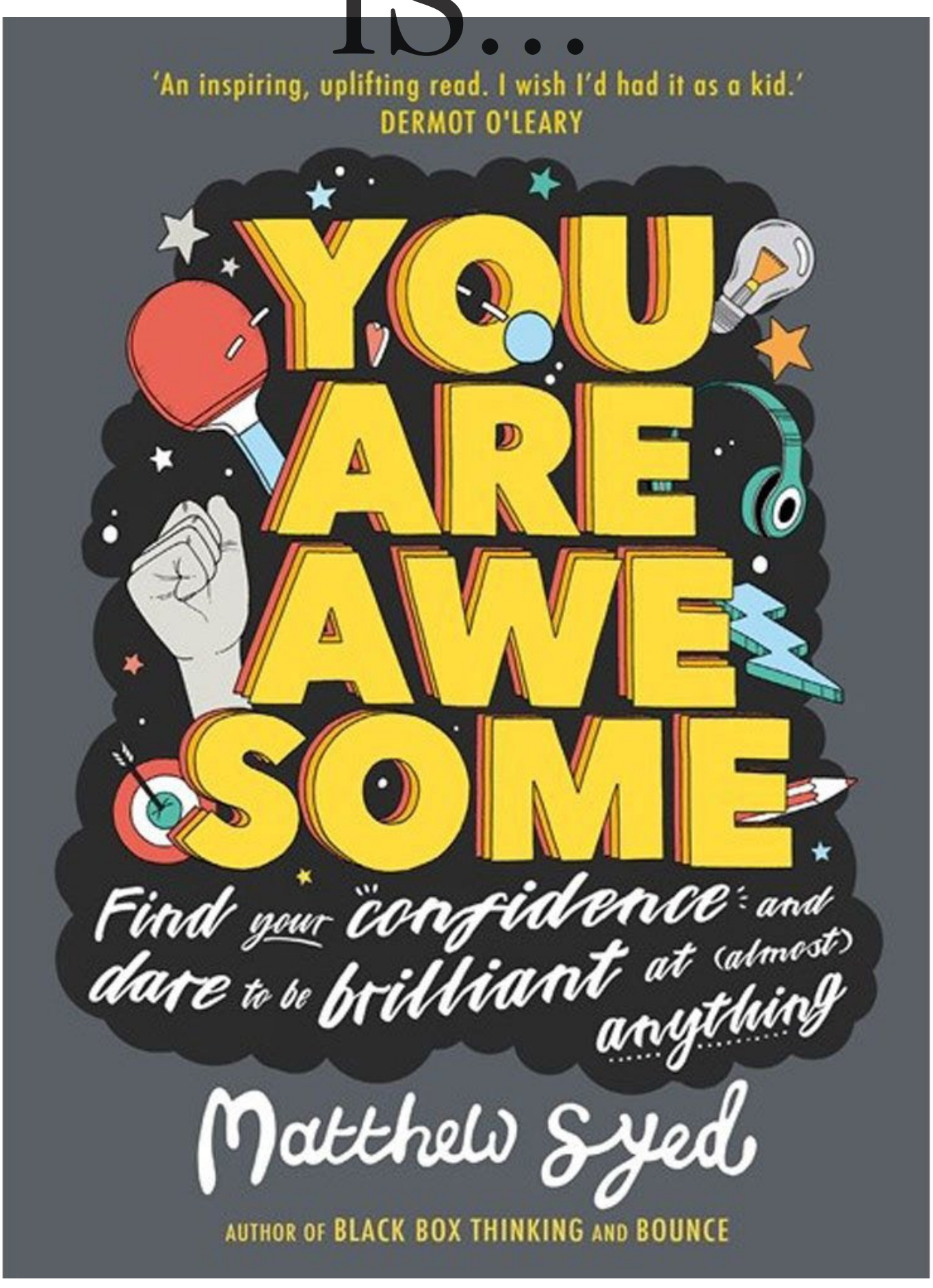
Além da fluência narrativa e do sentido de humor, o que mais admiro em Judith Kerr é, sem dúvida, a sua coragem. É quase um cliché dizer isto, mas creio que um artista só encontra a sua voz quando perde o medo de desagradar ou de fracassar. Isso revela-se, e muito, pelos temas que elege e os que deixa de fora. O pacto com o leitor estabelece-se logo aí. No caso dos livros para os mais novos, esse pacto implica não menorizar o leitor, não o tratar como se fosse um tontinho. Dizer-lhe: vou contar-te histórias, não te vou contar mentiras, só porque sou adulto e sei mais do que tu.

A literatura infantojuvenil nunca teria evoluído se, até agora, andássemos a falar de personagens-crianças que são castigadas porque não obedecem aos adultos... Com a década de 1960, veio uma lufada de ar fresco que trouxe autores como Maurice Sendak, Eric Carle, Ezra Jack Keats, David McKee, Tomi Ungerer e mais um punhado de valentes. Jogando muito com o nonsense, ***O Tigre que Veio para o Chá*** (1968) faz parte desses livros que romperam barreiras, mas também na série «Mog», pensada para os mais pequeninos, Judith Kerr teve a coragem de «matar» a sua personagem (***Goodbye Mog***), o que representou um risco enorme para uma coleção de sucesso. E o risco compensou.

Em relação a ***Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa***, romance no qual se revelam valores estruturais da autora, como a casa e a família, prefiro só salientar o momento da tradução que mais me marcou. Repare-se que, num livro que tem o Holocausto como pano de fundo, a única referência explícita aos horrores do nazismo ocorre quase a meio da narrativa, quando Anna ouve, sem querer (um «sem querer» intencional, por parte de quem escreve), uma conversa entre a avó e a mãe. Falam de um professor famoso que é – literalmente – tratado como um cão, ao chegar ao campo de concentração. São apenas uma dúzia de linhas, mas de uma brutalidade tal que não é preciso explicar mais nada. «Foi como se uma parede negra se levantasse subitamente diante dos olhos de Anna. Não conseguia respirar», escreve Judith Kerr. Fiquei exatamente como Anna, enquanto lia e relia e traduzia: sem conseguir respirar. E pensei: «Saber contar isto, assim, é genial.

Grande escritora!»

AND THE WINNER IS...



British Book Awards

São distinções que pretendem reunir, em várias categorias, os autores, os livros e os agentes do negócio do livro. Este ano, para além dos prémios destinados especificamente ao segmento infantojuvenil, outros foram atribuidos a profissionais que trabalham com a edição de livros para crianças e jovens.

Melhor livro infantojuvenil de não ficção:

You are awesome

Matthew Syed (author), Toby Triumph (illustrator), Wren & Rook

Melhor Livro de ficção infantil:

The Ice Monster

David Walliams (author), Tony Ross (illustrator), HarperCollins Children's Books

Ilustrador do ano:

Judith Kerr

Editor do ano:

Rebecca Hill

da editora infantojuvenil Usborne é a primeira editora da área a ser distinguida como melhor editora do ano.

Responsável por direitos de livros:

Andrew Sharp

da Hachette Children´s Group

Livreiros de livros infantojuvenis

Cadeia livreira Waterstones

ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES

A Guerra que salvou a minha vida
Kimberly Brubaker Bradley
Topseller

A primeira interrogação chega com o título. Que guerra pode salvar a vida de alguém? Como pode algo tão nefasto trazer uma mudança para melhor? Não é impossível, há até movimentos culturais que o defendem. O acaso, as circunstâncias podem, em qualquer momento, transformar todo um quotidiano e até permitir que aquilo que parece irremediavelmente perdido se recupere.

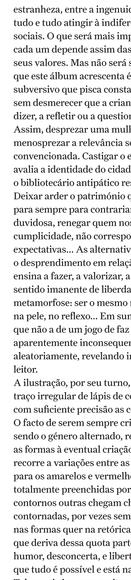
Porém, queremos saber como. E a promessa do título cumpre-se sem subterfúgios diegéticos. oAda é uma menina de dez anos (embora ela não saiba que idade tem ao certo) que vive presa num exíguo apartamento de uma assoalhada que partilha com a mãe e o irmão. A narrativa começa com um momento violento em que o leitor logo se depara com a crueldade desta mãe que agride gratuitamente a filha e a despreza por conta de uma deficiência de nascença da pequena. Um pé boto, que só mais adiante se nomeia e descreve, está na origem desta vergonha sórdida.

Estamos em Londres, quando Inglaterra declara guerra à Alemanha nazi. Todavia, aquele que conhecemos como um dos períodos mais negros da História europeia e mundial do séc. XX não significa nada para Ada quando esta decide agir em sua defesa. Tudo o que a move é uma necessidade de resistir àquela prisão que cada vez mais a isola, agora até do irmão mais novo. O tom do discurso é simples e espontâneo, coerente com a simplicidade e ignorância forçada da protagonista.

A oportunidade de fuga transforma-se numa aventura sem alegria, mas plena de descobertas, entre as quais a de um desejo até então desconhecido: ao ver uma menina montada no seu cavalo, Ada sente-se invadida por uma sensação de liberdade e assume perante si própria a missão de um dia conseguir fazer o mesmo. Podendo ler esta imagem como uma metáfora de persistência e resiliência por quem tem uma inibição física, a verdade é que a novela nunca se deixa tentar por maniqueísmos ou moralismos fáceis. Isso fica bem claro no estreitar de laços de Ada com as pessoas que aparecem na sua vida, entre elas a sua cuidadora na aldeia onde são recebidas as crianças refugiadas de guerra, entre as quais estão os dois irmãos.

Apesar da dedicação natural daquela mulher, Ada enfrenta dois obstáculos: por um lado nada sabe sobre nada, dos objetos às rotinas mais simples do quotidiano, desconhecendo o léxico que os representa; por outro a menina desconfia das intenções e da dedicação daquela mãe, tendo em conta tudo o que a moldara até então.

O que a intriga tem de mais bem conseguido é justamente o ritmo de progressão que nunca se desequilibra, nem mesmo no desenlace. Nada soa forçado, nada surpreende pela inverosimilhança. A deficiência é uma constante, já que a menina tem de superar uma enorme dificuldade de locomoção, mas em suma este é um livro sobre afetos e como são eles os principais responsáveis pela cura, seja da saudade, da mágoa, do trauma. Quando refletimos sobre a diversidade na literatura juvenil, este é um excelente exemplo de como a deficiência, raramente tratada, deve fazer a sua aparição. Seja cada um como for, no essencial é alguém que precisa, como toda a gente, de afeto. E, tal como toda a gente, tem o mesmo direito a sonhar e a tentar realizar os seus sonhos.



Supõe
Alastair Reid
JooHee Yoon
Bruaá

Nesta sequência de hipóteses inverosímeis o texto põe à prova os limites da imaginação do leitor, convocando-o para os seus próprios pensamentos. A leitura transforma-se num exercício de reconhecimento e estranheza, entre a ingenuidade do poder de solucionar tudo e tudo atingir à indiferença perante os códigos sociais. O que será mais impactante e divertido para cada um depende assim das suas experiências e dos seus valores. Mas não será sempre assim? Contudo, o que este álbum acrescenta é precisamente um sentido subversivo que pisca constantemente o olho ao adulto sem desmerecer que a criança também possa ter algo a dizer, a refletir ou a questionar.

Assim, desprezar uma mulher bonita significa menosprezar a relevância social da beleza convencionada. Castigar o empregado do banco que avalia a identidade do cidadão pela sua aparência ou o bibliotecário antipático resultam numa lição moral. Deixar arder o património que nos define, ficar em casa para sempre para contrariar uma previsão altamente duvidosa, renegar quem nos elogia, denunciar uma cumplicidade, não corresponder propositadamente às expectativas... As alternativas são diversas e jogam com o desprendimento em relação ao que a comunidade ensina a fazer, a valorizar, a respeitar. Há no texto um sentido imanente de liberdade individual que chega à metamorfose: ser o mesmo mas diferente no tamanho, na pele, no reflexo... Em suma, a proposta não é outra que não a de um jogo de faz de conta cujas propostas aparentemente inconsequentes não são escolhidas aleatoriamente, revelando imprevisíveis efeitos no leitor.

A ilustração, por seu turno, alivia a tensão com um traço irregular de lápis de cor ou cera, representando com suficiente precisão as cenas descritas por palavras. O facto de serem sempre crianças as protagonistas, sendo o género alternado, realça o faz de conta e associa as formas à eventual criação infantil. A paleta de cores recorre a variações entre as primárias, com destaque para os amarelos e vermelhos. Ainda, a par de páginas totalmente preenchidas por manchas de cor sem contornos outras chegam cheias de branco e figuras contornadas, por vezes sem preenchimento. Há, quer nas formas quer na retórica textual um lado caricatural que deriva dessa quota parte de absurdo que provoca o humor, desconcerta, e liberta esse lugar recôndito em que tudo é possível e está nas nossas mãos.

Talvez seja isso que muitos videojogos ofereceem em alternativa: um faz de conta em que o jogador participa. Aqui, sem recurso à tecnologia, passa-se exatamente o mesmo. Porque a leitura trata de sensações e diálogos, na maioria de si consigo mesmo.

Em 1982, o ensaísta e crítico literário russo Valentin Burbatov escreveu um texto sobre Levantado do Chão*, romance de José Saramago que acabara de ser publicado na Rússia. Entre cópias desse documento, como milhares de outros, encontra-se nos arquivos da Fundação José Saramago. Além de uma carta de Burbatov ao livro, junto do material está uma tradução para o português de autoria não identificada. A Biblioteca publica agora essa crítica a Levantado do Chão publicada na Rússia e agradece ao tradutor anónimo que nos possibilitou conhecer esta preciosa leitura do romance de José Saramago.*

VALENTIN BURBATOV
O DESPERTAR

A leitura de um bom livro conduz inevitavelmente à ideia, simples e velha mas útil, de que a literatura nos restitui o protótipo da nossa unidade, como se nós, uma tarefa comum e vemos que nada nos divide e que a diferença de linguas não nos impede de sentir com o mesmo coração. A grande literatura é uma só, porque a vida humana é a sua matéria una e indivisível, parece-nos, a própria história, por mais diversos que sejam no aspecto exterior as suas rouparegens e as suas manifestações.

Convencei-me disso uma vez mais ao ler o romance *Levantado do Chão*, do escritor português José Saramago. Não é possível contá-lo, ou melhor, não é possível contar a corrente de rio, onde tudo é tão natural e evidente, mas tão difícil de captar. O livro é lento e exterior para uma vida lenta como, porque é lenta a própria existência camponesa da qual ele fala.

Três gerações da família Mau-Tempo da aldeia de Monte Lavre, na província portuguesa do Alentejo, sucedem-se: umas às outras diante dos nossos olhos — nascem, crescem e criam os filhos, trabalham até ao esgotamento e morrem na mesma pobreza em que viveram ao mundo. A sua vida parece-nos não distinguirem uma da outra e o tempo mantém-se imóvel, não se percebe imediatamente qual o século em que se vive. Só de vez em quando chega a capital um rumor indistinto, deformado pela distancia, mas que quase não altera o ritmo da vida, porque a existência dos camponeses é dirigida de acordo com as estações, pelos leis tradicionais locais, cujas propriedades também permanecem inalteráveis para lá de todas as mudanças de gerações. Nada de novo, nada de hoje/ontem: indiferenciáveis como gémeos. E sempre, para mais que a vida mude, o sermão dominical será dito pelo padre Agamedes (...).

O sol queima, cem as chuvas, as criancas crescem, e em redor todo permanecem na mesma, de modo que a nature, interrogada constantemente na narrativa, sente a necessidade de irrigitar que o leitor, em vão, esperava no capítulo seguinte alguma novidade, e que se ainda não percebeu que nada a acontecer, então não compreende nada da vida dos camponeses. E não encutamos as conversas simples dos personagens, embora as narrativas e descrições de Saramago sejam indiferenciáveis como gémeos. E sempre, para mais que a vida mude, o sermão dominical será dito pelo padre Agamedes (...).

O sol queima, cem as chuvas, as criancas crescem, e em redor todo permanecem na mesma, de modo que a nature, interrogada constantemente na narrativa, sente a necessidade de irrigitar que o leitor, em vão, esperava no capítulo seguinte alguma novidade, e que se ainda não percebeu que nada a acontecer, então não compreende nada da vida dos camponeses. E não encutamos as conversas simples dos personagens, embora as narrativas e descrições de Saramago sejam indiferenciáveis como gémeos. E sempre, para mais que a vida mude, o sermão dominical será dito pelo padre Agamedes (...).

Que têm os camponeses de Monte Lavre a ver com as preocupações de Lisboa, se tal como dantes têm dantes de si Norberto e Engabeiro, o padre Agamedes (...)? E quando em 1910 é derrubada no país a monarquia, isso acontece tão longe como se não fosse no seu país. A República foi erguida a Lisboa, escreve o autor, e que é a pura verdade: enviaram-na como presente estranho e inútil, que nada modificou nas suas vidas. Aqueles que vão forçar pelo fumo aumentar de dia, mas a república enviou ao seu encontro a guarda e os cavalleiros de sabre desmantelhados voam em frente, a polícia vai ao seu terreno para admirar. E no novo ele voltam ao trabalho enquanto não chega a primeira guerra mundial, que antes de queimar o próprio homem, ensanguenta a bolsa, e não terão nem o magro salário anterior.

Mas apesar de toda a imobilidade da vida e da atmosfera exterior, em que os hóspedes parecem vão pela sua consciência. A quando os camponeses são levados a «apoiar Salazar» e eles pergunatam uns aos outros o que fazer se lhes não apoiarem, e lhes dizem: «Se não apoiarem, vão-nos todos para o cárcere ou para o campo de concentração!» Ou quando, na sua vida ao serviço da pátria» etc), esses camponeses regressam às aldeias humanizados e diferentes, mas envergonhados desse «trabalho nojento». E alguns já murmuram de si para si: «um dia ainda hei-de tirar satisfação». E depois algus deles encontram-se no campo e começam a compreender evidentemente qualquer coisa.

Se alguns dos leitores pensa que se trata duma organização consciente apressou-se na conclusão. Como pode Mau-Tempo, por exemplo, ser um combatente instruído, se praticamente nunca saiu da sua aldeia e vê a Lisboa quando o pretenderam como «voluntário» (porque o viram lá no barracão e o torturaram, como antes dele torturaram aqueles dois a quem o autor enfatiza na dedicatória que inicia o livro)?

Mau-Tempo suporta as torturas e cursa na prisão uma «autêntica universidade popular», e embora não despeite-se quando acha prisão-lhe «escola de vida» palavras habituais: «Obrigado, camaradas, adeus, desejo-vos boa saúde», agora é claro para ele próprio que não pode fazer mais nada. Não há nada a fazer. Já não é possível fazê-lo voltar ao silêncio, a não ser que o matem.

Mesmo depois disso Mau-Tempo não se torna um orador nem um revolucionário, continuará o seu trabalho habitual no campo, mas agora será *consciente* e firme, e aquele que se organiza ao lado no campo com a foice olharão em frente com mais confiança e preparará-lo firmemente a sua liberação. O autor não dá-lo em falso: mostrou-lhe todo o processo de bem organizada, os personagens vivem até ao fim exteriormente como viviam, e para Norberto e Engabeiro, para o padre Agamedes (...), a libertação é ser a mesma foca rude a grosseira que apenas te preocupe manter devidamente em ordem. Contudo, não se percebe porque, no fabulário oriental, existe apenas o pouco aqui nos sábrios, ali no sábrio e no fabulário, até que descobrem que têm pela frente uma nova realidade inteiramente, que principiou exactamente na revolução de 1974 e mostra-se inteiramente preparada para tomar nas suas mãos a terra da qual antes não eram capazes nequer de apanhar uma batata para alimentar um filho faminto.

Este é talvez o traço mais valioso do livro – ele foge à estrutura clássica e ao cânone e não adquire a forma de campesinato ou camilnos são sempre mais complexos e mais longos.

Não nos despedimos dos personagens num mundo ranquilo. Eles têm à sua frente uma luta possivelmente mais complexa do que antes, porque os latifundiários não podem facilmente as propriedades e recorrem às formas mais engenhosas. E nenhum dos componeses se tornou ainda rico, mas não é por acaso que o autor intitulou o livro *Levantado do Chão*. Aquele que se levantou já se não deixar abater.

José Saramago encontrou o caminho mais extraordinário para descrever a formação dos seus personagens. Ele próprio se inclui no seu número e se «apagou» entre eles, concedendo-nos frequentemente o direito de decidir aquilo que no livro é reflexão do autor-e o que João Mau-Tempo pensou. Designa-os a todos pelos nomes, mesmo quando o personagem e o seu ouvinte nela pigiou, ou mesmo uma só linha, como o guarda José Calmedo, que apenas teve que conduzir Mau-Tempo ao posto, ou aquele bom homem que encontrou o herói depois da saída deste da prisão e lhe deu pousada até a hora do combolo matinal, sabendo como é difícil passar a noite numa cidade desconhecida. Para os homens do campo não há pessoas sem nome, o autor ajuda os seus personagens a manter o mundo com nome, pessoal. Mas quando pai e filho hatam entre si para divertirem dos guardas, pois de outro modo estes não os deixam ver as bolotas apanhadas para a família, o autor não indica os nomes desses infelizes por piedade, «pelo consegue distingui-los» ou escrutá-e assim «não sabe quem lutou contra o pai, magoa a vista olhar para tão grandes sofrimentos».

Poder-se-a ver atentamente como José Saramago descreve o mal, a hipocrisia do Estado, as provocações policiais e o tendenciosa que é a Igreja (por tratição extremamente criticada pela literatura em Portugal, mas é bastará a cada um recordar aquilo que leu sobre o despotismo em qualquer literatura e isso será bastante.

Haschevi é irónico, frequentemente até sarcástico em classificar os camalhas, Saramago é invulgarmente compassivo com todos seus personagens simples nos infortúnios e cordial nas alegrias. Escreve com ternura que o escritor vive entre os seus personagens na província do Alentejo, é aí aprendeu não apenas que é bom e pensador e que é muito mais inteligente (...), mas também que os verdadeiros movimentos do coração são discretos e não exigem muitas palavras, mesmo que pouco envolvemente escolhidas.

Aliás, também a alegria se encontra em silêncio. Quando nasce a neta de Mau-Tempo e o pai desta encontra toda a noite para ver o rio da aldeia, quando de manhã estar de novo no trabalho, não leva à mulher qualquer presente – onde ir buscá-lo? «Estende as mãos e deixa cair a água entre os dedos». E o autor, que sabe outra palavra, e dá-lhe um beijo na face, um só, mas este único beijo não sabemos que tem para assim ser apertar a garganta, ainda de fraqueza da família, mesmo que tivéssemos alguma coisa que dizer neste passo, não poderíamos.»

Essa neta será acordada de nascer, Maria Adelaide, encontra a última revolução aos dezassete anos e se eu não recesse que os personagens de Saramago possassem de um por uma grandiloquência que lhes é estranha, escreveria que Maria Adelaide, com os seus olhos azuis tão invulgares para aqueles sítios, é o próprio jovem Portugal no limiar da firmeza e da esperança.

Todo o livro está escrito numa linguagem popular – sadia, robusta, e pela marcha tranquila dessa discurso é-se que as mudanças que decorrem diante dos nossos olhos são irreversíveis.

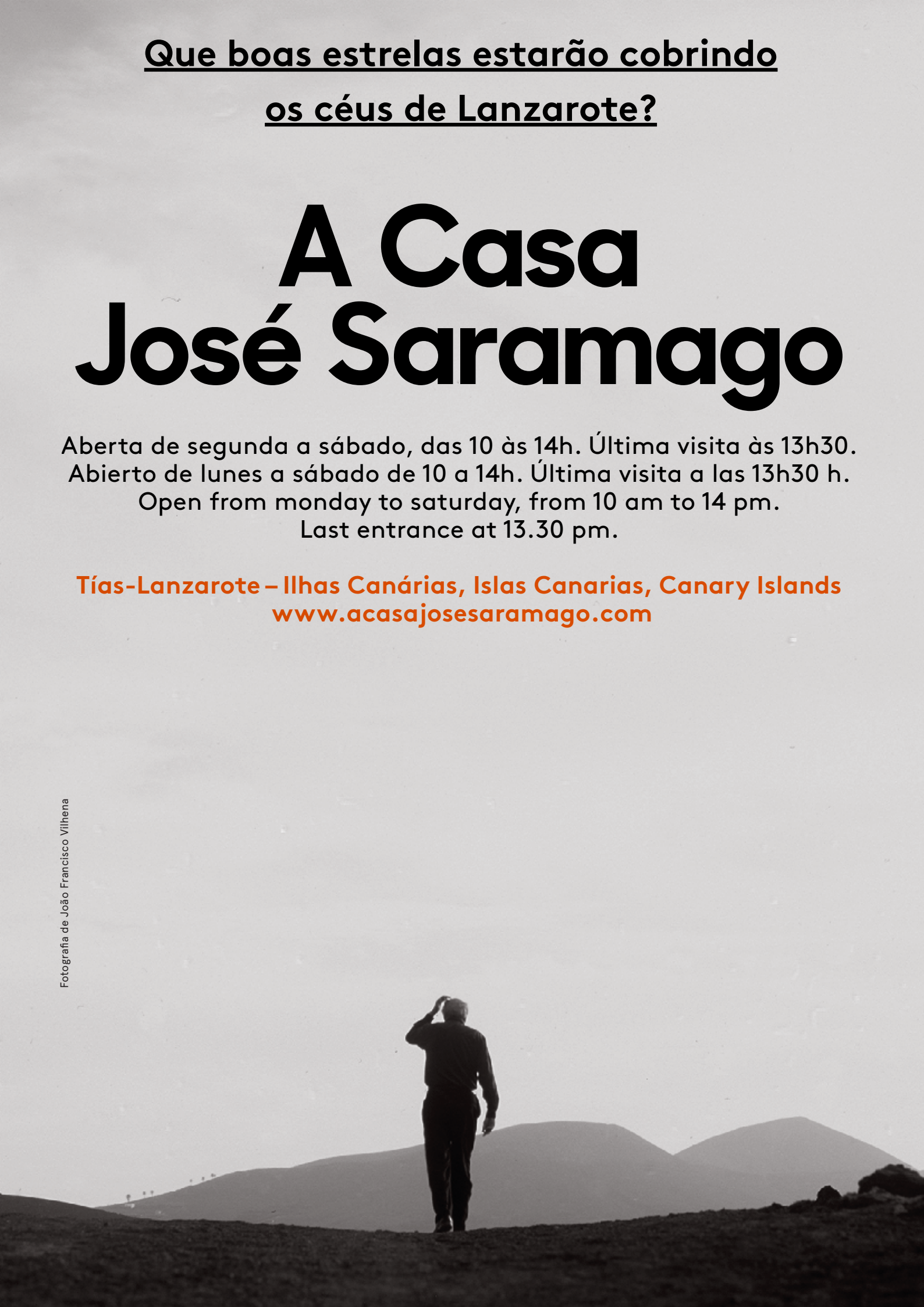
Não conhecemos ainda muito bem a literatura portuguesa contemporânea. Ela esteve durante muito tempo fechada para nós, mas pelo livro de José Saramago vê-se que ela não tem uma vida inferiores às de nenhuma e fez a sua obra mesmo nos tempos negros do salazarismo, como sempre o faz a melhor literatura mundial – com esperança no futuro luminoso do homem simples.

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

junho

Até 30 junho
Festa da Ilustração

Exposições, ateliers e conversas à volta do trabalho de ilustradores portugueses. Em destaque na edição deste ano, Cristina Sampaio, com duas exposições em pontos diferentes da cidade. Setúbal, vários lugares. ▸

Até 7 julho
Giacometti en el Museo del Prado

Exposição que percorre o trabalho de um dos mais influentes artistas do século XX, Alberto Giacometti. Madrid, Museo del Prado. ▸

Até 28 julho
Lina Bo Nardi: Habitat

Exposição sobre a vida, a obra e o legado da arquitecta, designer, editora, cenógrafa e jornalista ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1914-1992). São Paulo, Museu de Arte de SP. ▸

Até 18 agosto
Matisse Grabador

Mais de seis dezenas de gravuras de Matisse, revelando a importância desta técnica no seu trabalho global. Madrid, Fundación Canal. ▸

Até 1 setembro
Joan Jonas

Esta é a mais completa exposição da obra de Jonas alguma vez organizada, mostrando o trabalho da pioneira da vídeo arte e performance, artista multimédia cuja obra engloba vídeo, performance, instalação, som, texto e desenho. Porto, Museu de Serralves. ▸

Até 6 outubro
Fernando Lemos Designer

Exposição retrospectiva do trabalho de Fernando Lemos na área do design. Lisboa, Cordoaria Nacional. ▸

Até 3 novembro
Més enllà de les trinxeres (1936-1939)

Contem e mela de fotografias de Alec Wainman, recuperadas entre negativos perdidos e entretanto encontrados numa velha mala, que registam momentos da Guerra Civil de Espanha.Barcelona, Museu d'Historia de Catalunya. ▸

BANCO OCIDENTAL POR JUDA LEIB, HASKYN

28 junho
Ouvido de Tísico

Quarta edição das sessões de escuta da Casa da Achada, desta vez para conhecer a conversa entre Maria Julia Guerra e Mário Dionísio, emitida pela RDP em Maio de 1986. A sessão será conduzida por Diana Dionísio. Lisboa, Casa da Achada. ▸

29 junho
Variações

Concerto de homenagem a António Variações, a encerrar as Festas de Lisboa 2015. Com Ana Bacalhau, Conan Osiris, Lena D'Água, Selma Ouamusse, Manuela Azevedo, entre outros. Lisboa, Jardim da Torre de Belém. ▸

A ESPERA LUTA

5 e 6 julho
Zé do Telhado

Recriação do texto homónimo criado em 1979 por Helder Costa, para a Barraca, agora como espectáculo de rua. Co-produção Trigo Limpo teatro ACERT e A Jangada. Louzada. ▸

Largas para o chão a
pernada no exacto sítio
onde ela devia ficar,
grande proeza, e os
camaradas dão vivas,
já não és o último, o
capataz diz gravemente,
Sim senhor, bonita acção.
As pernas tremem-te,
estás aguado como mula
que muito carregou,
e custa-te a respirar,
a pontada, meu Deus,
a pontada, és um
ignorante, o que tu tens
é uma distensão, uma
ruptura muscular, não
sabes as palavras, pobre
besta.

Levantado do Chão